3 1761 04018 2420

Almeida Braga, Luis de
O significado nacional
da obra do Camilo

PQ
9261
C3Z5559

LÚIS DE ALMEIDA BRAGA

O significado Nacional da Obra de Camilo

PORTVGALIA
EDITORA
75, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1923

O SIGNIFICADO NACIONAL DA OBRA DE CAMILO

DO MESMO AUTOR:

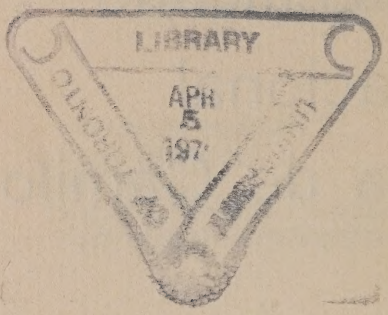
O CULTO DA TRADIÇÃO
O MAR TENEBROSO
PÃO ALHEIO
A QUESTÃO IBÉRICA — A Lição dos Factos
O SENTIMENTO NACIONALISTA

LUÍS DE ALMEIDA BRAGA

O Significado Nacional da Obra de Camilo

PORTVGALIA
EDITORA
75, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1923

PQ
9261
C3Z5559



Composto e impresso na imprensa de Manuel Lucas Torres
Rua do Diario de Noticias, 59 a 61 — Lisboa

CELSA
SERENA
FAVENT

A
MEU PAI
DEVOTAMENTE LEMBRANDO
A
AMIZADE CARINHOSA
DE
CAMILO
AO ESCREVER-LHE
A
CARTA-PREFÁCIO
DE
O PADRE HENRIQUE

O SIGNIFICADO NACIONAL DA OBRA DE CAMILO. CONFERÊNCIA REALIZADA NA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, NO DIA VI DE AGÕSTO DO ANO DE MCMXXI * * * * * *

Vai para cem anos que nasceu Camilo Castelo Branco. O romance do romancista está escrito. Em uma terra onde as manifestações literárias, passada a hora de ócio que aligeiraram, logo são mortas e esquecidas, Camilo aparece como o único escritor que, verdadeiramente, ainda tem devotos mantendo vivo o culto do seu nome. Três gerações rodaram já em tôrno dos seus livros, e os que veem vindo de novo cada vez encontram mais perfumada e fresca a palavra escrita nesses longínquos dias de febre e entusiasmo.

Influências hereditárias, loucas aventuras de môço namorado, cuidados de escritor, amores, ambições, combates, injustiças, murmúrios intimos do coração em confidências de amigo, — tudo tem sido divulgado e estudado. Fonte sempre corrente, agora venho eu encher a minha bilha, porque também quero mostrar, através da anarquia sentimental da sua vida desordenada, como

a influência do meio penetrou nele e o levou a dar sentido ao que o cercava.

A notoriedade de um escritor basta, muitas vezes, para caracterizar uma sociedade. A fama e as tendências intelectuais de Camilo enchem de luz a história dos costumes portugueses sob a marralhenta Carta dos Emigrados da Terceira; assim o romancista se tornou o espelho, à maneira dos grandes escritores clássicos, do espírito do século, da sua sensibilidade e da sua cultura.

Camilo viveu em perfeita harmonia com o seu tempo. Os seus romances iluminam a consciência portuguesa, e até a sua personalidade é um precioso documento social, cheio de estranho valor simbólico. Também êle não conseguiu nunca libertar-se daquela turva inquietação romântica, que lá bem longe, na fria névoa mística da Russia, havia de atirar Tolstoï e Dostoïevsckv para os degraus gelados da religião do sofrimento.

A sua vida foi um caminho longo de ilusões perdidas. Uma tristeza difusa cedo lhe invadiu o coração. E essa dôr sem nome, que assim o punge, feita de pessimismo, de terrores nocturnos, de lágrimas, de saudades, vai-lhe velando a luz da vida.

E a alma fica toda às escuras, quando os olhos se lhe apagaram.

Espírito profundamente religioso, agitaram-no todas as tormentas de todas as paixões. Sua biografia é cheia de elementos românticos. Entre tanta novela angustiosa, nenhuma parece tão triste e dorida como a história íntima do próprio escritor. Causa uma impressão de desalento e de infinita piedade considerar o febril e gigantesco labor de Camilo, sem um dia de repouso desafogado, como se na verdade tivesse nascido sob o signo funesto de Balzac. E até por fim sentiu faltar o carinho da mulher que lhe queimara a vida:

...tous les êtres aimés
sont des vases de fiel qu'on boit les yeux fermés.

E o perfume estonteador das Flores do Mal espalha-se agora mais cruelmente perturbante, ao poder pensar-se que o namorado romancista do Amor de Perdição, prefaciando os Combates e Críticas de Silva Pinto, para si tomava o dito amargo de La Bruyère: — *Tout nôtre mal vient de ne pouvoir être seuls.* Já outra vez, em carta íntima ao Visconde de Ouguela, se lastimara tam-

bém: «Se eu fosse só, como devia ser se tivesse juízo...»

Essa paixão desgraçada excitou a sua imaginação de artista, mas poderosamente contribuiu para destruir o seu organismo, agitando-o, perturbando-o com as mais fundas emoções de ordem moral.

L'ardente chair ronge sans cesse
Les durs serments qu'elle a jurés.

As necessidades de uma existência difícil condenaram Camilo a um trabalho rápido, violento: tinha aquele terrível dom da facilidade, que uma fada maléfica deixou também no berço de Lamartine. Daí os defeitos de abundância que seus livros apresentam, tão naturais em quem se habitua a escrever depressa, arrastado no torvelinho erguido pelo ruflar de asas da imaginação.

Era de uma exuberância maravilhosa. O sentimento dominava-lhe a inteligência, mas, por isso mesmo, ao calor da improvisação com que seus livros eram escritos, se levantava mais alto a chama da sinceridade.

Há obras de arte que parecem fundidas em

bronze ou talhadas em marmore. Os romances de Camilo, com meio século caído sôbre eles, dir-se-ia conservarem ainda a febre, a fecunda agitação do acto criador. Jamais êle haveria de saber forjar, à moda de Flaubert, (êsse outro grande romântico impenitente) folhudos livros lentos, vagarosamente pensados e compostos durante longos anos. Camilo concebe os seus romances sob o choque de uma impressão recebida, e escreve-os de um jacto. Não produzirá assim, as mais das vezes, uma obra indiscutível; mas dar-nos-há sempre um trecho de vida, todo palpitante ainda da sua emoção. Deste feitio de trabalhar derivam todas as suas qualidades e nascem todos os seus defeitos.

Ainda não houve quem arrancasse mais lágrimas e soubesse rir com mais contentamento; era como os dragões heráldicos, que teem asas de ave e aceradas garras de fera. Se eu quizesse definir, numa fórmula breve, o génio atormentado de Camilo, procuraria dizer que era uma clara inteligência de homem, coroada pelo mais terno sentimento feminino. Sempre dentro dele andaram dois seres a par: um elemento passivo existia, que o levava a sentir e a sonhar; e havia tam-

bém uma força activa, ensinando-o a querer e a pensar.

Tragédia, comédia, política, panfleto, história, lágrimas, risos, tudo se encadeia na sua obra, Mas onde as faculdades de Camilo se notabilisam melhor, é quando acorda as figuras esquecidas nas sombras vastas da História. E' aí que, verdadeiramente, se afirmam e resplandecem suas qualidades de crítica e de análise. Porém, as exigências de todos os dias, todos os dias lhe iam furtando o tempo que os trabalhos de história e investigação exigem. E o nimbo de glória que o cerca, vem-lhe de ter implantado entre nós o romance de costumes.

Quem deseje conhecer o nosso povo daquela idade, seu modo de ser peculiar, seu estado social, seus hábitos e vícios, hade ir gostosamente enfronhar-se na leitura ardente das cem novelas de Camilo.

Ernesto Biester, — que pela sua fidelidade ao pensamento de Castilho tão cedo foi levado para o limbo das nossas letras —, com profundo senso crítico escreveu um dia: "Camilo Castelo Branco nada pede ao estrangeiro, e reduz-se a copiar os tipos, os costumes e o viver da nossa terra."

Também o primoroso Rebelo da Silva, num perdido artigo da Revista Contemporanea, em opulento estilo o ungiu, chamando-lhe «o observador penetrante da sociedade portuguesa contemporânea, o pintor tantas vezes inspirado das virtudes modestas que a enobrecem, ou dos vícios e ruins paixões, de que ela adoece no meio das pompas luxuosas do seu cortejo.»

Já não se encontra quem recorde as novelas meigas de António Pereira Aragão, de Elias António da Fonseca, de Alexandre Thomaz de Novaes Sarmento ou do chibante Joaquim Maria Botelho de Lacerda Vilaça Bacelar. E foram elas, no entanto, que no começo do outro século fizeram cobrir de lágrimas o coração das mulheres. Basta apenas pronunciar o nome dessas folhas mortas, para logo ouvir o segrêdo sentimental de uma geração: *Elisa ou a portuguesa virtuosa; Virginia, Affonso e Corina, ou o mais nobre sacrificio do coração de duas virgens; Lizarda ou a dama infeliz; Guilherme ou a esposa encontrada; Sofia ou o consorcio violentado...*

Não parece erguer-se destes livros sumidos o lânguido perfume de aquelas flores que as antigas meninas namoradas guardavam, com lem-

branças devotas, entre as páginas dos devocionários?

Depressa esqueceram, porque eram a areia dum momento a caír egual em todo o mundo, e nada diziam da nossa alma particular, entristecida também com os lamentos de Werther, posta longe do sol entre os nevoeiros de Ossian. Se as obras de Camilo perduram ainda, é porque a todos comunicou o espírito vivo da nacionalidade.

Não se perdeu o vaticínio de Vieira de Castro, quando naquele generoso livro, solto como um hino, que o coração escreveu e a inteligência não quís medir, fez a promessa de que «os romances de Camilo herdariam às posteridades do nosso País o mais rico, o mais formoso e o mais simpático monumento da índole, génio e carácter dos seus avoengos».

Já em 1863, escrevendo o prefácio de A Filha do Doutor Negro, o romancista havia descoberto a sua intenção: — «Afinal, e muito a tempo, desertei às bandeiras dos mestres franceses, e entendi no melhor modo de descrever os usos e costumes da minha terra, os sentimentos bons e maus como por cá os tenho visto...»

O romance é o género literário que mais de-

pressa envelhece. Ter Camilo escapado à sorte comum, é já o índice de uma superioridade indiscutível. Nem todos os seus livros eram, — nem podiam ser, — de egual valor; mas não há nenhum que o leitor cuidadoso possa rechaçar, porque em todos encontrará sempre um motivo novo de solaz ou estudo: — encanta agora a fecunda inventiva, prende-nos o engenhoso artifício das palavras, e logo um claríssimo juizo histórico, escondido em amenos modos, nos deleita e ensina.

Com efeito, na observação justa de Teixeira de Vasconcelos, e que, sem pagar direitos, anda agora por aí atribuida ao inzaralhento sr. Teófilo Braga, foi Camilo o criador do romance moderno em Portugal. Ninguem ainda em nossas letras conheceu melhor o motivo secreto das acções humanas, instantes de paixão e momentos de febre, horas de anciedade e noites fundas de dôr. Dir-se-ia que na própria amargura aprendera a dissecar a alma dos homens. De resto, êle mesmo o entendia assim quando escreveu aquela página dolorida de A Filha do Arcebiago: «O infortúnio ilumina o entendimento. Para o que sofreu não há mistérios de dôr no coração do estranho».

Eça de Queiroz dava às personagens dos seus romances a linha única da sua vida real; Camilo criava-as com as direcções infinitas da sua vida possível. Eça, representa a vida; Camilo, conta-a: por isso se entromete com as suas figuras, comove-se com elas, com elas ri. O que faz muitas vezes as delícias dos romances de Camilo, são os seus dedos infatigaveis, — chamas de inteligência, dedos de fada inquieta, vistos sempre debaixo das roupas transparentes de seus figurins.

Como se o Diabo de Gil Vicente se lhe debruçasse ao ouvido, e o onzeneiro, o rapinador, o fidalgo arrogante, o juiz corrupto, a alcoveta arteira e o clérigo galanteador, — que mestre Gil escarneceu e embarcou para o Inferno, — se tivessem mudado no abade calhorda, — senhor padrinho cheio de afilhados, rechonchudo e papazana; na menina romântica, olheirenta e pálida, sofrendo de amor; no velho morgado malhão, ou no minhoto cachudo, que no Brasil deixou a grossa camiseta de emigrante, mealhando patacas e esperanças, e volta agora esquilhambado, mas ainda aldeagante e baçaneiro, todo cheio de brilhantes a reluzir, a incendiar os dedos, o nó

da gravata, o peito da camisa, o cordão do relogio,— através da sua obra tudo passa também entre guisos e lágrimas.

Poucos livros, como êsses, darão o sentimento dum contacto tão directo e imediato com a alma portuguesa. O que faz a beleza de tais romances, é sentir-se dentro deles viver e palpitar a luz e a voz de Portugal.

Homem da sua raça, meridional até à medula, Camilo não compreendeu nunca outro horizonte senão o da sua terra, e a ela esteve sempre fervorosamente preso.

Não sei onde, Guerra Junqueiro disse não havia uma árvore na obra de Camilo. Ligeiro reparo! Em linhas curtas, calmas, e no entanto ardentes e apaixonadas, Camilo descobre a paisagem e ilumina-a. No ar transparente corre uma luz tão clara que os olhos teem de estar despertos; mas o horizonte incerto eleva o espírito em sonhos, como o fumo dos casais ao entardecer

O amor da natureza é um sentimento tão vasto, tão complexo, tão variado, que para o revestir de mil formas diversas basta apenas a côr do céu,— luz benta do amanhecer, claridade radiosa do meio dia, sombras na tardinha, plácido alas-

trar da noite, graça do luar... ; ou ter nascido em quieto vale ou áspera montanha, frente ao mar embalador, ou na fartura da ribeira, nos sempre verdejantes campos nateiros.

Cada um de nós ama a natureza a seu modo, segundo as suas faculdades, seus gostos, e até conforme as circunstâncias da sua vida. Aparecendo fugitivamente em diferentes logares e em epocas várias, é entre a bruma das gandaras flandrinas que o sentimento amoroso da paisagem se constitue e desenvolve. Mas se recordassemos agora os paisagistas de então, teriamos de confessar que nem Van Goyen, nem Isaac Ostade, nem Hobbema, — apesar de todos terem deixado retratos admiraveis da terra que lhes prendia os sentidos, — soube mostrar a alma da paisagem. Diante de seus quadros pensamos no mérito do artista, mas ficamos longe dos verdes sitios que buscou revelar o pincel encantado.

Sentir a paisagem, como se sente a música, que excita e embala, que, simultâneamente, produz embriaguez e languidez, não fôra feitiço que tivesse tomado nem sequer aqueles ingénuos zagais namorados, que passavam a vida rimando eglogas e amores. Chrisfal, subindo a serra de

Lorvão, via nas coisas as lágrimas da sua pena, e a *Menina* de Bernardim, levada a longes terras, adormecia ouvindo o rouxinol distante!

Como a paisagem pintada, a paisagem escrita começava apenas. Jean Jacques partira, com a fantasia exaltada, a correr pelos campos e voltava lamentando-se de não ter encontrado as Driades à sombra das árvores. E, desolado, repetia o grito de madame de Warens, quando enternecida e humilde como diante de um milagre, viu no chão, aberta entre a erva, uma miudinha flôr azul.

Wateau, carregado de aromas, fechava na mão o sentimento da natureza em nuvens de poesia. E Paulo e Virgínia, através dum caminho florido, abraçados como no desenho a constelação de Geminis, mal levantavam os olhos até à linha trémula do horizonte. Era uma paisagem de idílio, só para sonhar-se, toda encolhida na ternura merencória de águas chorosas e árvores friorentas...

Chateaubriand perdia-se a ouvir o grande segrêdo de melancolia que a Lua conta às florestas verdes e às longas praias do mar inquieto.

E emquanto os outros românticos, de entreti-

dos que andavam a sonhar entre as ruínas uma natureza convencional, encerrada no nevoeiro pálido da sua fantasia, não compreenderam o verdadeiro espírito da terra, Camilo, tão perto dela pelo tempo e pela alma, foi da paisagem que o cercava que tirou o encanto vivo dos seus livros.

Como Zola queria, os romances camilianos juntam à expressão pessoal o claro sentimento da realidade. O solitário doente de Seide justificava, sem o pensar, a definição de Arte, tal como o orgulhoso senhor de Médan a propôs, renovada de Bacon: *L'art, c'est la nature vue à travers un tempérament.* E' melhor ainda recordar a própria letra baconiana: *Homo aditus naturæ.*

Em cada página dos seus romances, a personalidade de Camilo se afirma e transparece. E se os recantos da natureza, onde os olhos do escritor se demoravam, também nos encantam, é porque a visão de Camilo neles deslindára aquele oculto e íntimo sentido que à vista dos outros passava ignorado, pois os seus olhos eram, servindo-me duma formula de Taine, gulosos como a boca.

A beleza de uma obra de arte está, mais do

que em si mesma, na alma que deixa vêr Toda a obra de arte, para ser perfeita, tem de abraçar necessàriamente dois elementos : a arte e a vida. Porque o naturalismo se debruçou apenas sôbre a vida, a literatura perdeu a harmonia e a ordem; porque os parnasianos se consagraram ao culto isolado da arte, logo dentro deles minguou o largo sôpro criador e vivificante que alevanta as almas. Alheio a todas as teorias, Camilo podia talvez dizer que não recusava tomar como regra literária aquelas palavras de Maupassant : *L'observation simultanée du cœur et de la vie extérieure.*

Camilo nunca distinguiu a novela do romance, antes, como os mestres espanhois, misturou sempre estes dois generos literários, que também eu agora confundo, evocando-o. E assim, classificar a sua obra e inclui-la nas linhas rígidas de uma escola, é trabalho que não cuido possivel : «de bôa mente e má vontade me apartei da escola do meu tempo, e por bem não saber qual havia de seguir fiquei fóra de todas», confessava êle escrevendo o livro Ao Anoitecer da Vida. E em carta ao meu patrício, Domingos Manoel Fernandes, dizia : «Eu não descrimino escolas Todas me parecem boas, quando me

convencem ou comovem, quando me alegram ou amarguram». Depois explicava: «A nudeza do verso não me escandalisa, se é a verdade que se despe; mas se ela está suja e tem tumores frios, antes a quero vestida».

Foi naturalista, se bem que nunca professou nem a retórica nem a filosofia dessa doutrina; pela noção dada a certos elementos, que os novelistas anteriormente desdenhavam, pela acção dessas mil coisas íntimas, miúdas, que tanto influem no desenvolvimento da vida humana, foi também realista: o prefácio de O Esqueleto, escrito sorrindo, é o manifesto do Realismo em Portugal; — e ainda, e na melhor e maior parte, foi romântico, não só porque na sua alma se depositou enorme quantidade de fermentos românticos, mas também porque a sua obra está assente e enraizada em epoca e terreno ultra-romântico, e o ambiente obrigava-o a não prescindir do romantismo, apesar de o impulsionarem sempre as mais novas correntes objectivas e positivas.

Clássico por educação, Camilo é romântico pelo tempo, e, como por lei fatal das coisas, realista. E todas estas feições somadas formaram sua

personalidade literária, apenas assemelhavel à beleza do diamante, com as suas mil luzes cruzadas numa só claridade.

O realismo externo de Camilo consiste em que o ambiente dos seus romances é o da terra que tem debaixo dos olhos ou lembra de memória ; as recordações, as tradições, os relatos da parentela velha, que o entreteve contando as aventuras desgraçadas da família, nutrem o seu realismo psicológico. E sua poesia ideal e seu realismo vulgar, desirmanados, em tão clara contradição, mas em tão funda mistura, tiveram como resultado obras de suprema harmonia.

A alma de Camilo era formada por duas partes estranhas e pitorescamente associadas : uma de realismo material, vigorosa, sêca, toda em tendões e nervos ; outra, de poesia, lânguida, vaga, sentimental. Mas estas duas feições harmonisavam-se, compensavam-se, não se combatiam. E foi pensando, vivendo, escrevendo sob esta dupla influência, que se formou o romancista original, lirico e clássico, disciplinado e fluente.

Tendo do Romantismo a imaginação e a sensibilidade, recebeu a sua prosa a herança clássica, e é calma, ordenada, clara. A' maneira de

Goethe, de Sainte-Beuve, de Georges Sand, Camilo pertence à linhagem daqueles escritores que, no dizer de Bourget, *peuvent bien traverser la maladie, mais qu' une force invicible prédestine à durer.*

Foi o lirismo, qualidade essencial e original do Romantismo, que lhe permitiu receber e transmitir espontâneamente aquelas suas tão sinceras impressões, que ainda hoje nos comovem.

Em todas as suas obras se distinguem sempre dois elementos: um, colhido directamente da realidade; outro, projectado pela alma do autor. No justo equilíbrio deles consistiu também a beleza da edade clássica.

O romantismo de Camilo depura-se e disciplina-se quási sempre, senão na substância, ao menos na sua forma. Pela pureza da língua, pela nobreza da sintáxe, é êle o grande herdeiro da tradição clássica. Na sua arte cabiam todas as escolas, como num raio de sol cabem todas as côres.

E' certo pedirem-se agora ao romance qualidades de disciplina e construção, que faltam na obra camiliana; mas o que a torna lida e bela é o puro lusitanismo de tão claras páginas.

O solar arruinado, com seu brasão sumido, que o musgo enluta, e seu jardim ao abandono, onde morreram os passos e a murta se abraça de rua para rua; o largo pátio lageado, frio, coberto de erva ruim, aonde outróra os galgos, o trupitar dos cavalos, o téro-léro dos moços, — chalaças dos eguariços, palavrões dos almocreves, contos dos recoveiros, — punham o ar alegre de feira ou arraial; os rasgões do telhado, abrindo carinhosos ninhos às aves do céu; as salas vastas, sem ninguem, vestidas de penumbra, com lendas de fantasmas errando de noite, a pedir perdão...; e pelas paredes lisas, de damasco esgarçado, os retratos velhos, amarelecidos, das donas de cinta estreita, penteado alto, pálidas mãos finas, — onde até morreu o brilho das pedras dos anéis, — levemente agitando o leque, suspendendo o lencinho de rendas; os prelados austeros, envoltos no pano duro da Ordem, desenhando a benção sôbre a cruz peitoral; moços fidalgos empoados, vestindo oiro; e os guerreiros rijos, com a cabeça nobre, orgulhosa, apertada nas golas erguidas, e a espada ainda a espreitar vigilante, — tudo acorda e revive ao calor da leitura dum romance de Camilo.

E mais, veem-se as portarias dos conventos, com doces passando pela roda, em paga de versos, doces também; ouvem-se os sorrisos dos outeiros, as serenatas ao luar; depois, as escaladas pela noite cerre, sob o céu sem lua, de veludo negro...

Portugal de há setenta anos, com as liteiras adormecendo nos caminhos e a mala-posta guisalhando entre pinheirais, tão vivo dentro das fôlhas queimadas dum romance, como parece já que vai tão longe!

No Minho, devoto e meigo, *onde assobia o melro e a philomela trila*, e na dura, ascética Traz-os Montes, — (terra sempre tão querida ao coração de Camilo), — encontrou êle as mais típicas personagens e os mais humanos e abundantes temas dos seus romances. Na própria experiência ia colhendo motivos para os livros, desejoso de neles verificar o que a vida lhe sugeria.

Os costumes, o aspecto dos campos, a zaralhada miúda das cidades, o subjectivismo nacional, a nossa tristeza, o nosso lirismo, a indolência, (como se a saudade nos prendesse as mãos e vendasse os olhos) tudo os seus livros deixaram revelado. Eles são assim, ao mesmo tempo, aná-

lise e síntese, descrição e interpretação da alma portuguesa.

Louvando-o em um artigo de A Revolução de Setembro, o quási sempre pichoso Teixeira de Vasconcelos discretamente escrevia esta ironia amavel: «Bom é que os costumes nacionais se arquivem nos escritos contemporaneos. Bem haja o sr. Camilo em lhes dar os seus romances para Torre do Tombo».

Nenhum escritor é verdadeiramente grande se, por qualquer modo, não se tornar o sinal vivo da sua terra e da sua gente. E Camilo sentiu tanto e viveu tão perto da nossa gente e da nossa terra, que até se pode dizer foi levantado por êle o primeiro marco da novela regionalista, sem ter posto o pensamento em ninguem, tão longe está do grande senhor de d'Aurevylly, na França, ou do cándido Trueba, na Hespanha.

Nas Noites de Lamego, aquele conto,—Como Ela o Amava, é um quadro admiravel de costumes, cheio da mais intensa côr local; e a Flor da Maia, meiga e branda, fazendo da miséria toda a sua força, e na saudade da sua ternura encontrando uma clara fonte de riquezas, é irmã da luz que lhe ilumina os olhos.

Quando artistas ou escritores não mostram correndo na chaga do lado do seu peito o sangue da sua terra, dir-se-ia lhes falta coração humano. Todo o encanto que ainda anima o amavioso nome de Daudet, vem do seu regionalismo provençal. E porque Zola e os Goncourt carecem desta nota sentida, nos parecem hoje distantes e frios.

Se muitos dos romances de Camilo não podem ler-se com a impassibilidade crítica com que tantos outros livros se analisam e meditam, é porque de tal modo exprimem a nossa terra e dizem a nossa vida, que quási sempre os temos sentido, quando os vamos julgar.

Em Camilo encarnaram as mais veementes aspirações da raça e ganharam fala as mais ocultas vozes da sensibilidade lusíada. Tudo o que forma a trama da nossa existência nacional, atribulações da guerra e lutas da paz, a comédia política e triviais tragédias domésticas, todos os partidos e todas as bandeiras, os bons impulsos e os maus sentimentos, todas as castas e condições, ofícios e estados, fez êle atravessar dentro daquela lampada mágica que lhe alumiava na alma os lances da vida.

Seus romances exprimem certamente sentimen-

tos universais; mas com um tal acento os revelam, que apenas na terra de que êle é filho se encontram semelhantes. E porque essa é a marca distintiva que entre as demais nações ela tem, só a sua fala própria sabe traduzir. O génio e a inspiração literária de Camilo são assim inseparaveis da sua expressão portuguesa. Mostrando a terra, exaltam e vigorisam a consciência nacional. Já não era outro o elogio de Teixeira de Vasconcelos: «Camilo escreve com tanto chiste, com sabor tão nacional, e com tão profunda sciência dos sentimentos portugueses, que a ideia mais conhecida toma nos seus escritos formas inteiramente originais». E foi por isso que o endiabrado Fialho se atreveu a dizer: «Por ventura virá um dia em que o espírito de Camilo se levantará do passado, como em 1880 viram os portugueses levantar-se o espírito de Camões».

Sob a influência de Herculano, mas com Chateaubriand a guiar-lhe a pena, despertou em Camilo o encanto do Passado. E logo, lembrado duma perdida lenda de amores e loucura, talvez ouvida em menino, põe-se a escrever O ANATHEMA. Sai das ruínas da Torre de D. Chama a alma penada da velha dona chamando ainda.

E essa voz, tão saudosa e dolorosa, espalhando-se no negrume da noite, acorda no romancista os sentimentos e as paixões de Portugal, naquele tempo em que uma serpente de fogo abrasava e mordia a alma de Pedro II.

Esta veridica, mas às vezes desapegada história (como êle a julgava)— foi a sua estreia na novela. A curiosidade romanesca dos tempos idos tinha-o já levado a representar O Agostinho de Ceuta, (evocação dramática de alucinadas paixões); e a leitura séria dos primorosos Annais de D. João III ensinara-lhe a contar no teatro as intrigas e os ciumes de O Marquês de Torres Novas.

A fantasia poética e adivinhadora começara por lhe emprestar o conhecimento das edades mortas. E porque agora o escritor tinha já colhido nos grandes in-folios doirados, que a nortada do Mindelo atirou para fóra dos conventos, a sciência exacta do tempo que o tempo sepulta, então a fantasia vinha dar luz e calor às suas criações. A narrativa anima-se. Ganha o colorido mais verdade e mais intensidade. A larga tela agita-se, e as figuras desprendem-se do desenho, — falam.

Tinham começado as jornadas da Paixão. Os

grandes caminhos da Derrota enchiam-se de romeiros trôpegos, que de tão escondidos na crescida barba branca já não tinham quem os reconhecesse e até por estranhos eram tomados sob a clara chapa de luz da sua lareira.

Andava assim por longe O Senhor do Paço de Ninães, errante como o Rei perdido na batalha. Ia remir-se em Alcacer o pecado da India. E o moço cavaleiro, flor do sangue dos soldados de Arzila, parte levando amortalhada a esperança dentro de si. Enganoso amor, podesse a guerra esquece-lo! Corre no vasto céu hostil de Africa a piedosa estrela dos Reis Magos. E o peregrino, de olhos erguidos, vê-se outra vez tornado às terras maduras do solar antigo.

Encontrára nas desilusões ainda uma ilusão. E todo o fogo do primeiro amor ardia ao sentir chorar, doida de paixão e de remorso, aquela que lhe quís e o perdeu...

Portugal vagabundo torna também lastimado ao reino. Descerrou-se o nevoeiro. A's praias de Cezimbra vinham os seixos e as conchas do mar trazer as novas do milagre. A lua enchia-se de signais de maravilha, O Senhor largava da Cruz o seu braço direito e, como em Ourique, outra

vez abençoava a terra e a gente. E viam-se os anjos a voar pelo céu fóra, levando nas mãos erguidas a Hostia consagrada.

Estavam cumpridas as profecias: *Te Deum laudamus... Te Deum laudamus...*

Mas da fronteira veem agora correndo rumores, como no tempo dos mouros. Ouvem-se cornetas. E os tambores, no silêncio atento, aberto em roda, deitando o bando, como antigamente chamam a gente às armas!

Lucta de Gigantes: tal em alizares de larga escadaria, desdobram-se os longos dias inquietos da guerra da Restauração, quando os Menezes e Mascarenhas, cegos assanhados num odio de morte, andavam também em guerra com intrigas na côrte e rixas nos conventos. E é ainda pelo mesmo tempo de orgulho solto que O Regicida passa, gostoso de ir, ao mando de Castela, vingar no Rei a carne ofendida.

Enforcado o antigo moço da capela real, vae-se o desenho da epoca alargando mais e ganhando mais côr.

Agora é a Traga-Malhas, perturbante e donairosa, que para não ser mais do Rei foge da clausura, atravessando os montes para Espanha,

numa cavalgada louca, adormecida de amor nos braços dum sargento-mór de batalha, alegre e violento. E A Filha do Regicida, deixada só, em tanta graça senhoril cresceu, que já os avós, lá em Guimarães, ao vê-la, sentiam renovado o carinho que para sempre cuidaram desaparecido.

Mas também a ela lhe acordou um dia o coração no peito. Entrementes, tão longe, a mãe deixara de rir: tomara-a a amargura da saudade; e a saudade era na sua alma como uma ferida e como uma flor.

Voltou. Na candura devota de uma manhã de domingo, os sinos diziam a hora da missa. Escondida no silêncio da capela, tinham seus desejos um ar de oração: achara os olhos da filha na luz dos seus olhos.

Foge o tempo pressuroso. O senhor D. João V resplandece no trono, como uma custódia entre lumes. E o reino todo é um braseiro de oiro queimando incenso.

Freirinhas de Odivelas, em chischibeos na grade, com ternuras lânguidas requestam fidalgos. E os faceiras freiráticos, com arcádico engenho, contestam risonhos, dizendo de cór sonetos e décimas dum poeta guloso.

Novenas. Lausperene. Melodia italiana; bailados na Opera. Espadins de prata tilintando, trémulos, num recanto escuro. Passam as sombras longas do Santo Ofício. Na fogueira rechina a carne dos judeus. A Mesa da Consciência levára a devassa a bom termo. E feita justiça, o namorado melancólico voltava lá das brumas do norte, onde se encunchára, para buscar no jardim novelesco A Caveira da Martyr.

Entre as paixões e os interêsses duma família, vive-se assim em tres romances um seculo de história, com todas as suas heróicas grandezas e extravagâncias.

Mal começava a aboar e logo apareciam, entristecendo o céu, as largas asas negras das águias napoliónicas. A furia das batalhas não ia finda, e já a caridade portuguesa florescia e perfumava as feridas do inimigo. No solar de Calvados, que o acaudeçára, o general francês tornava ainda maior o carinho da fidalga. E entre a morte e a ilusão, A Engeitada lá vai levada a vida inteira, aos baldões do mundo, até achar no coração um engano mortal...

Contando no Amor de Perdição a desgraça sentimental da sua família, Camilo revive a angús-

tia dos namorados ao amanhecer nevoento do seculo, quando já nada havia certo em Portugal. Era o tempo dos amores fataís, com scenas violentas nas estalagens e esperas nas veredas e encruzilhadas. Vinham depois as lágrimas sem fim, choradas sôbre a esperança morta na soledade branca dos conventos...

Simples almas cándidas, também elas perderam o sossêgo. Os pedreiros livres põem fogo ao reino. Já as labaredas chegam aos mosteiros. E na densa fumarada que envolve os claustros, frades trapolas fogem com os malhados, de armas na mão. Escondida nas suas lembranças, que a apertavam como cilícios, A Bruxa do Monte Cordova sofre na própria carne o castigo da guerra.

Vai subindo a maré da revolta. Junto ao Arco do Loureiro estão tirando as sortes os Divodígnos. Na valeta da estrada do Cartaxinho, armam os estudantes a emboscada para assaltar os lentes, que de Coimbra levam ao Senhor Rei Dom Miguel I a leal vassalagem do Portugal antigo. E entre tantas vinganças e traições, o ar macio de Coimbra espalha uma ténue sombra de doçura sôbre o Retrato de Ricardina.

Passa agora a quadrilha do José do Telhado.

Ouvem-se tiros na estrada. E A NETA DO ARCEDIAGO, louca da dôr do amor, vendo morto o amante, é levada morta pelas águas do rio...

Entretanto tinham chegado as novelas francesas de Rousseau e Saint-Pierre, e as ilusões da leitura mudaram o antigo sentir. Já não é aquele amor ardente, ao claro sol, feito duma meiguice que abrasa: agora é uma ternura lânguida, soluçada de noite, ao luar doente, por entre as sombras e as fontes, soluçando também. Amar assim é a tortura da esperança. O amor é então um longo scismar, todo entretido no gosto de sofrer. *O amor só vive pelo sentimento*, escrevia Camilo; *cessa com a felicidade; porque o amor feliz é a perfeição dos mais belos sonhos, e tudo o que é perfeito, ou aperfeiçoado, toca o seu fim.*

Desejo realizado é prazer vulgar. Doutrina ou sentimento tem seu oculto prestígio e sua graça na força criadora de ideias novas e novas ilusões. Não é no momento em que a alegria exalta os sentidos, ou a dôr os dilacera, que nos temperamentos delicados a chama da vida tem melhor calor: é ao subir da névoa da saudade, quando lágrimas e sorrisos andam perdidos na mesma

sombra, que um doce prazer começa acariciando, envolvendo o coração e a vista.

Recordar, é sentir de novo; sentir mais brando, mitigado e lento, tem a doçura do lume da lareira, é como viver sentado ao amor do fogo. *A saudade é ainda um afecto, excelso amor, o melhor amor e o mais incorruptivel que o passado nos herda,* diz Camilo no AMOR DE SALVAÇÃO; e nas ESTRELAS FUNESTAS chama-lhe *enlevo doloroso.*

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur,

suspirava também o pálido e ardente Alfredo de Musset, quando já os louros iam entrelaçados no cipreste e em lirios roxos se tinham convertido as encarnadas rosas dos jardins da Italia.

De singelo e simples que Guilherme do Amaral partira da sua clara aldeia, saía agora de Coimbra com o espírito perdido num nevoeiro cerrado de idealismo. O seu coração parecia-lhe o eixo e o centro do mundo. A efusão lírica da NOVA ELOISA, a ternura sentimental de PAULO E VIRGINIA, o subjectivismo doloroso de ADOLFO,

atravessavam e punham vibrando a sua imaginação, como o vento solto numa floresta antiga.

Guilherme do Amaral pertence à família intelectual e moral de Werther, de René, de Obermann, de Rola, de todos os desesperados do Romantismo. Já não sabe o que é, nem o que anela, nem ao que aspira. Chora sem causa, deseja em vão, e sentado no regaço da anarquia, parece-lhe que nada está no mundo como devia ser. Nesta árida desolação, um tédio mortal o invade. Estava operado o malefício. E para sempre a alma lhe ficará enevoada e triste, como um céu onde nunca mais amanhecesse.

Era assim a educação romântica do tempo O lirismo individualista santificara a paixão. Kant, entre os gêlos de Kenisberg, contemplava com recolhimento a sua própria alma; Fichte queria encerrar dentro de si o universo inteiro; Schelling elevava a matéria à dignidade do espírito. E toda a corrente lírica da novela romântica, de Werther borbulhava e corria.

Se Camilo deixou em Guilherme do Amaral o melhor da sua alma, foi porque nele encontrou o assumto tipo da arte e da literatura, o tema mais forte da tragédia humana.

No coração wertheriano de Guilherme do Amaral palpitam e ardem seus desejos em oposição constante com as necessidades superiores da vida. O sonho é o inimigo do homem. Isola-o da realidade, enreda-o numa teia estreita de mentiras, e com inteiro desprezo da verdade, leva-o a confundir as ásperas realidades e os ideais quiméricos. *Eis aí vem o sonhador; matemo-lo*, exclamava o profeta entre as sombras do horto do Eclesiastes.

Falando de um dos albuns de José Augusto Pinto de Magalhães, irmão gémeo de Guilherme do Amaral, Camilo definia em duas palavras todo o mal romântico: "Estes documentos provam a que miséria o romantismo de há trinta annos podia levar dois desgraçados com o cerebro vazio e o coração cheio de asneiras." A vida era então um romance, e o coração um jardim de sonhos, cortado por longos caminhos de lágrimas.

Nenhum período mais que êsse favoravel para o estudo da sociedade portuguesa, no seu íntimo funcionamento. E' uma epoca ao mesmo tempo efervescente e estacionária, essa que vai de 1818 a 1850. Só o retrato dela, tal como ficou estampado nos romances camilianos, já leva con-

sigo mesmo a razão do seu próprio movimento.

Apesar das amplas concessões à ficção e da sua copiosa invenção de novelista e até de visionário, as realidades dessa metade do seculo estão aí tão perfeitamente contidas, que o historiador que dêsses livros desentranhe essa sociedade, encontrará também as conseqüências da vida de então, com as suas lutas, os seus ódios, suas utopias, suas ideias filosóficas e sociais, seus conflitos políticos, sua arte, seus dramas de amor, — tudo o que realmente o escritor teve ao redor de si.

Para julgar a exatidão com que Camilo reproduziu a fisionomia da sua epoca, e a veracidade com que escreveu a história do sentimento português naquele período, deve pôr-se de parte o critério de investigar se há nas suas novelas alguma coisa que não seja cópia fiel de determinado aspecto dêsses anos revoltos, e atender-se apenas à impressão de verdade geral que do conjunto se desprende, sobretudo dos caracteres e dos tipos, que ainda hoje encontramos como então, descontada apenas a diferença de ambiente e de circunstâncias.

Não há guia mais completo e vivo da chaga do liberalismo, do que essas personagens de Camilo, movendo-se por entre os acontecimentos políticos, os sentimentos, as paixões que comoveram a anarquia adormecida da *Regeneração*.

No tumulto e na profunda mudança da sociedade, ao desaparecerem as antigas jerarquias, ficara livre o passo a ilimitadas ambições. Não havia apetite ou egoísmo que não andasse à solta, no afan de aproveitar as circunstâncias. A burguesia cartista, insolente e ávida, mal coberta com os zarapalhos furtados nos Conventos, atropelando-se na pressa de chegar, foi aos olhos de todos azorragada, e para sempre ficou presa a um alto pelourinho de sarcasmos.

Os livros de Camilo nasceram deste modo como movimento necessário de reacção nacional contra o constitucionalismo falazadeiro, que a Portugal ia roubando Portugal.

Certo, não foi apenas por sentimento político que o romântico do Amor de Perdição procedia assim; era mais ainda o efeito da sua natureza artística e intelectual, que a disciplina de Balzac ordenava e continha.

No Bom Jesus do Monte ouvira êle contar

áquele fidalgo velho da casa de Simães, as atribulações, a dôr imensa das lutas dinásticas.

Ao cerrar-se a tarde de Evora-Monte, era toda a Pátria um solar em ruínas. Já não havia quem lavrasse as terras. Tudo estava mudado. Não apondoava o milho como antes, nem já o centeio aterrôa bem. E se os pardais não deixavam sequer agrilar a benta flor do orvalho das sementes, (que das alimpas nem se fala), só dos governos seria a negra culpa!

A Brasileira de Prasins guarda a memória dessa noite, no momento em que alguns de mais forte esperança cuidaram vêr tremeluzir sôbre S. Gens de Calvos a antiga estrêla. E na verdade parecia que também aqueles caminhos levavam a um presépio, tanta era a devoção e tantos os presentes ao adivinhar ali, escondido para a revolta, o Rei exilado.

Camilo não quís deixar esquecer que fôra soldado de El-Rei Dom Miguel e de arma ao ombro andára por Entre Douro e Minho, como ajudante de ordens do general Macdonell. Arde-lhe no sangue a antiga fé, e, infreimado, ao cobrir de chufas os lareques políticos seus contemporâneos, em O Carrasco de Victor Hugo José Alves,

envolve o senhor Dom Miguel I num claro fio de luz, auréola de martírio que mais o engrandece ainda na tristesa saudosa do exilio. E recorda: *Que noites de alegria doida naquele inverno de 1846 !*

Diante dos velhos oratórios de talha doirada, acendiam se os altos castiçais de prata. Os santos domésticos sorriam no resplendor das luzes. E as noites alongavam-se num murmúrio de rezas.

O Periodico dos Pobres estampava as proclamações do Padre Casimiro, e de pé, sôbre o balcão da tenda enfumarada, com gestos nobres, Camilo declamava solenemente as palavras da fé violenta do general das Cinco Chagas. E é ainda com o entusiasmo vivo dêsses esperançosos dias de Vila-Real, que o autor da Queda de um Anjo, ao saber do casamento do senhor Dom Miguel I, solta o canto vibrante, *Salvé! Rei:*

«Rei! no dia em que descestes
Do vosso Throno real,
Apagou-se a luz da gloria,
Cerrou-se o livro da historia
Do reino de Portugal.

Surje o Anjo do exterminio
Sobre as trevas infernaes!
Traz de fogo a fera espada,
E com mão ensanguentada
Rasga as purpuras reaes».

Erguem-se no ar as fouces roçadouras do Minho. Os busínões desvendam o segrêdo dos ecos. Leva arriba! Leva arriba! E, cantando, A Maria da Fonte com as pistolas à cinta, as saias arregaçadas, toca a rebate nas torres e nos quarteis. Então, evocando o meio político dêsse tempo, Camilo sente-se enternecer e lembra a sua mocidade. Vê os dias livres, de sol, quando punha à cinta a cabacinha de água-ardente, metia a broa no bornal, e ia, pela serra fóra, à caça de galinholas e perdizes, ou ficava guardando os rebanhos na saudade do vale.

Que acerbas melancolias
Eu tenho dessas semanas
Que passei nas serranias
Das regiões transmontanas.

Assim depois se lastimava no livro Nostalgias, ao rememorar *o torrão agro e triste* onde passára

os descuidos e alegrias da infância, — os primeiros e unicos felizes anos da sua mocidade, como diria mais tarde no conto o DEGREDADO, das NOVELAS DO MINHO.

Sentado ao lume, lá naqueles longos SERÕES DE S. MIGUEL DE SEIDE, vendo morrer as brazas e a cinza cobrir a lareira toda, punha-se amargamente a recordar, a soluçar: «Eu tenho a nostalgia daquela povoaçãosinha, há muitos annos — uma saudade inveterada como a reminiscencia de um primeiro amor, e unico feliz. Na minha mocidade nada mais vejo. Não nasci lá; mas ahi foi que me alvoreceu o arrebol do entendimento, a ancia de transladar ao papel o diluculo dessa alvorada; foi ali que eu fiz os meus primeiros versos... *versos*, meu Deus! não — a primeira página da minha biografia de lágrimas».

Nunca lhe passou esta saudade. No primeiro acto do drama O CONDEMNADO, como se se envergonhasse já de tanto aiar, manda dizer a uma das personagens: «assim que me alembram os nossos montes, começo a esbaguar e átrigar-me aqui dentro o coração».

Ninguem mais penetrantemente sentiu a dolorosa volúpia da saudade. Ainda era estudante,

esturdio e mofareiro, e já «ia para o átrio do Bomfim pasmar os olhos naquellas serras que ficam lá para o nascente». Daí Teofilo Braga, tão pouco feito para sentir, ter podido compreender no esbôço biografico que traçou de Camilo, que ali recebera êle as impressões com que no mais enlevado realismo descreveu depois os aspectos da natureza do norte de Portugal.

Todas as modalidades da alma portuguesa foram assim tomando côr na sua palavra. Nos livros AGULHA EM PALHEIRO e LAGRIMAS ABENÇOADAS, mais que ao conflito de dois amantes, assiste-se ao choque de duas epocas.

Precipitava-se a ruína das crenças e das instituições sôbre que assentava a ordem social. Rompia-se o equilibrio sereno dos diferentes direitos e tudo era confusão e espanto.

Também o romantismo triumfava na politica. Tem o valor de um símbolo ardente êsse antigo estudante do batalhão académico que, em Florença, se apaixona pela filha de um desembargador exilado.

Maguado com o rasteiro bom senso da rua das Flores e dos Capelistas, lá vem agora escarninho mostrar os burgueses do Porto, repousando-se aos

domingos e dias santos a ouvir a música no jardim da Cordoaria, ou pelas tardes macias merendando em S. Roque da Lameira. E como no caminho encontre o Dr. Liborio, o Calixto Eloy, o abade de Estevães, o Braz Lobato, logo desata a rir a troça formidável de A Queda de um Anjo. E nesta sátira virulenta, de tão amarga verdade, está toda a farça parrana do constitucionalismo beldroegas, com suas rápidas deserções políticas, seu impanzinado parlamento granzina, sua rotunda oratória, mastalhada e megueira, sua roda dos ventos governando os partidos.

Da mesma fonte brotam O Eusebio Macario e A Corja. No romance O Sangue, ainda se diverte alegremente achincalhando os improvisados afidalgamentos, e nas sentidas páginas do livro Onde está a Felicidade?, retrata a sociedade do Porto, com suas pálidas mulheres românticas, líricas e sentimentais.

Descrevia assim as portuenses dêsse tempo: "Estas meninas de quinze annos, que eu conheço no Porto, são filhas de robustas donzelas, que me enchiam de satisfação os olhos da minha mocidade. Que degeneração! Vêl-as numa sala, é vêr as virgens lagrimosas e lividas, que se pintam

nas cryptas dos mosteiros gothicos! Quando se reclinam nas almofadas de um sofá, parece que desmaiam narcotisadas; quando polkam, e se deixam ir arrebatadas no braço dos parceiros, afigura-se-me que da sua parte não há mais acção nem movimento que o das azas, do ar que lhe agita a orla do vestido, volatil e vaporoso como ether.» E' que, sob as ondas líricas do lago lamartiniano, o Romantismo era sobretudo uma crise nervosa. Virgínia, letrada sentimental, ou Cecilia Pedrosa, que se deixava vencer pelo estilo, são o tipo da mulher romântica, que parecia guardar na alma toda a tristesa do crepúsculo.

Ah, quanta dôr e inquietação na voluptuosidade! O amor vela-se de melancolia, como o canto claro do rouxinol esmorece no enorme murmúrio da floresta, quando os gemidos do vento fazem estremecer os ramos das árvores. O pensamento torna-se sentimento; inextinguiveis dores do coração o afligem e apertam.

Camilo deleita-se na pintura das suas mulheres, atenua as suas faltas, explica as suas loucuras, e até para toda a culpa encontra sempre uma palavra de perdão ou benção. «Mulheres, ainda que sejam primas, fôram, são, e hão de ser,

cada vez mais, a maxima formusura deste planeta. Se as tiram de cá isto é imundo, a vida é um desterro, e a vaidade, o coração, a bravura, o talento, a gloria são palavras sem significação», entretinha-se êle a dizer nas DUAS HORAS DE LEITURA.

Emquanto que na grande galeria das suas personagens as figuras dos homens são gravadas em fortes traços de fundo cinzel realista, pinta numa meia tinta doce de idealismo os retratos das mulheres. E aqui se vê como é perfeito aquele juizo de Bourget, quando assegura que na criação das suas heroinas é que o escritor manifesta, com mais evidência, o feitio particular do seu espírito.

Da pena de Camilo saíram os mais apaixonados gritos do coração português. Ninguem melhor do que êle foi dotado para imaginar as belas atitudes do sentimento. Escreveu sôbre o amor palavras tais que, murmuradas hoje, ainda fazem sonhar.

As grandes amorosas dos seus romances, tão sentidas e verdadeiras, caracterizam o tipo do amor português, afectivo, contemplativo, cheio de branda ternura carinhosa.

Parte para a India a nau dos degradados. E os olhos de nós todos ficam presos no lencinho branco, que lá no alto do mirante de Monchique, pálida e trémula, a mão de Theresa sacode ainda... A Mariana vem chorar connosco. Apaixonamo-nos pela Ana Augusta, que para não faltar aos seus deveres de esposa se deixa morrer de amor; dizemos à Joana do Val que é tão linda, quanto é cheia de ternura e de bondade; Leonôr, coroando-se de flores no delírio da loucura para esperar o noivo, faz-nos andar a cabeça à roda; e porque vem meter-se assim nos nossos sonhos aquela outra meiga e suave Augusta, se tem a vida sujeita à melancolia de um sorriso?..

Ricardina, Martha, Izabel, Corina, Theodora, Clementina, Maria Moysés, Liberata, Maria da Gloria, Angelica Florinda, Mecia, Maria dos Prazeres, Hermenegilda Clara, as tres irmãs, a viuva do enforcado, a doida do Candal, a filha do doutor negro, a morgada de Romariz, — sarça de corações doloridos e desgraçados!

Talvez nenhum novelista ainda excedeu Camilo no sentido e percepção do eterno feminino, perspicácia que, aliás, não foi incompativel com a

ilusão cándida e delicada que tantas vezes mostrou. A mulher influiu decisivamente na sua existência. Assim como achamos o amor na sua obra, assim o encontramos na sua biografia.

Do mesmo modo que Stendhal — *ce hussard du romantisme*, como lhe chamou Sainte-Beuve—, Camilo viveu muitas vezes as aventuras que contou. Falando do romance Um Homem de Brios, Vieira de Castro, que andou tanto na intimidade do autor, assevera: *este livro é só por si toda a existência de Camilo Castelo Branco.* E o próprio Camilo quebrou o segrêdo quando, no volume denominado Annos de Prosa, caíu em dizer porque não tinha nome o amigo de Guilherme do Amaral.

Nas suas recordações amorosas afeiçoava êle a alma dos namorados dos seus romances e fazia renascer antigos idílios. Ia-lhe bem o dístico de Dante:

... le mi son un che, quando
Amore spira, noto ; e a quel modo
Che detta dentro, vo significando.

Camilo pertence à linhagem daqueles escritores que, inteira e directamente, se introduzem dentro da obra criada. As personagens dos seus romances não foram inventadas: tirou-as das suas recordações. Contou-se a si, aos seus parentes, aos seus amigos, aos seus vizinhos. Quando as figuras lhe são inteiramente estranhas, então, como se procurasse encontrar a própria imagem no fundo da água embaciada de um espelho interior, põe na pintura o gosto de retratar o reflexo que em sua alma as outras almas deixaram.

Julio de Matos, ao receber no Hospital do Conde de Ferreira o filho mais velho de Camilo, sublinhou na caderneta do doente que, a par da longa mancha hereditária, de íntimo pezo degenerativo, que sôbre êle caía, era preciso lembrar sempre que a história do pai se encontrava escrita em dezenas de livros, eminentemente pessoais todos eles e apaixonados.

No proémio do primeiro tômo das suas Noites de Insonia, Camilo explicava assim a construção dos seus romances: «Vou ao jazigo das minhas ilusões, exumo os esqueletos, visto-os de truões, de príncipes, de desembargadores, de meninas poéticas à semelhança das que eu vi, quando a

poesia era o aroma dos seus altares. Visto-me tambem das côres prismaticas dos vinte annos, aperto a alma com as garras da saudade até que ella chore, abraçada ao que fui. E, depois, neste festim de mortos, conversamos todos; e eu, no alto silencio da noite, escrevo as nossas palestras».

Em Um Livro, Memorias do Carcere, Duas Horas de Leitura, recorda enternecidamente o amor do florido abril dos seus quinze anos com aquela donairosa mocinha da Samardan, *flor d'entre as fragas*, que um dia, velhinha, havia de o ver tornar, também velho e triste, e já tão longe um do outro que nem ao menos puderam gostar a doçura de se reconhecerem.

Depois, a Maria do Adro, que essa nunca lhe esqueceu de todo, como se os tivesse aligado para sempre aquele anel de missanga com que ela o presenteou, quando se compadeceu de o vêr na serra, tão sósinho, a scismar...

Que saudades me fazem estas alegres e esplendidas miserias dos meus vinte annos, dizia, desabafando, num capítulo saudoso das memórias de A Maria da Fonte. E No Bom Jesus do Monte confessava: «Envelheci a amar».

Na verdade, a sua preocupação incessante foi a mulher e o amor. *Qual é, por fim de tudo, o grande defeito deste homem?* — perguntava o risonho Julio Cesar Machado; e, sem hesitar um momento, respondia: — *o amor.*

O amor é na bôca do amigo de Guilherme do Amaral um assunto constante, predilecto. E Camilo nem sequer procurou disfarçar-se no desenho desta personagem. Ao ANOITECER DA VIDA, recordava ainda:

> «Eu fui sempre infeliz. Alma abrazada
> Em arrôbos de amor sempre impossiveis»

Dentre a hoste romântica portuguesa outro não houve que ao amor tivesse dado mais doloridas e fundas emoções. Ao narrar um episódio amoroso, disseca o coração humano, fibra por fibra. *Escrevia para as mulheres,* explicava o gárrulo folhetinista da REVOLUÇÃO DE SETEMBRO.

No amor, tal é a teoria de Camilo, há sempre uma vitima: Virgínia, Mariana, José Augusto... Tudo no amor é sofrimento, martírio, corações crucificados. Porém, o escritor de ESTRELAS FUNESTAS, gostaria de repetir aqueles versos do poeta espanhol:

Todo en amôr es triste;
Mas triste y todo, es lo mejor que existe.

A dôr e o amor são as mais belas expressões da vida: a dôr purifica-a, o amor prolonga-a. Por isso a dôr e o amor se encontram tão intimamente misturados que todo o amor é dôr.

Os romances de Camilo, imagem da vida, andam porém longe de ser a lei da vida. A ideia de beleza liga-se em Camilo à ideia sexual. Cuidar-se-ia que suas emoções, de qualquer ordem e natureza que fossem, se reflectiam sempre, com maior ou menor intensidade, sôbre o seu sistema nervoso genital. E assim, quando não findavam no estremecimento sensual da carne, transformavam-se em gosto estético, e, ao criar a imagem, acordava exaltada a inteligência.

A arte era ainda para êle uma expressão do amor; e o amor,— expressão imediata da alma, — vinha a ser o que a vontade fôra para os românticos alemães contemporâneos de Hegel.

Sensual, não sabe impôr decididamente aos sentidos a lei da razão. Em vez de se esforçar por vencer a vida, confiado na força da sua vontade, desespera-se porque diante dele a vida se

não amolda naturalmente por si mesma, e desfalece, e não sabe reagir. Assim o mal e a virtude se alternam na sua alma.

Camilo foi um intelectual constantemente distraído pelos sentidos. Julgando amar uma mulher, não amava senão a sombra do seu próprio espírito. Todos nós não amamos mais do que a própria sombra, se noutros olhos a vemos projectada! Jamais seremos capazes de conhecer uma alma diferente da nossa. E saberemos ao menos conhecer a própria alma? Hegel suspeitava que não, e Anatole France, sentando-se à meza alegre da Rôtisserie de la Reine Pedauque, sorri maliciosamente, e afirma que lhe parece menos impossível criar o mundo que compreende-lo. Que vale então a inteligência, se não serve para inquirir a verdade, se é inútil para julgar, com direita justiça, os homens e as suas obras?

Ai de nós, pobres iludidos! A duvida é a maior angústia moral. Começamos por duvidar do mundo, depois não acreditamos nos outros e terminamos por nem na própria força confiar.

Depressa a alma cai rendida e gasta. A análise que a exaltou, essa lhe deu a morte. Para a fazer renascer, uma emoção fecunda deverá de

novo agita-la; e é o amor ainda a emoção que mais profundamente penetra a alma e a comove *Amor, ditosa tristesa,* lhe chamou Camilo nos versos ingénuos de Um Livro.

Ainda há quem se lembre de o ter visto, Saint-Preux dandeiro, de calça clara, casaca azul de botões amarelos, chapéu branco, alto, de abas direitas, botas à Frederica, rebuçando-se, pelas noites húmidas, numa larga capa espanhola. Pais e maridos murmuravam da sua fama tremenda de galanteador perigoso. Aferrolhavam-se as portas quando êle passava; mas, na gostosa esperança de o vêr, boliam docemente as cortinas das janelas. Ao Anoitecer da Vida quer pôr ainda a flor dum sorriso nas suas lágrimas, e reconhece:

> «Ninguem póde escutar a sangue frio
> Arrelias que fiz ao mulherio.»

Sainte-Beuve não andava longe da verdade ao ensinar que, para os escritores serem julgados com prudente acerto, é necessário conhecer os mais estreitos atalhos da sua vida privada e especialmente as recatadas sombras dos seus amores; foi a isto que outro crítico ilustre

chamou — escrever a história dos grandes homens com as suas pequenas misérias.

Eu não chegarei agora a êsse extremo, nem mesmo a Taine quero acompanhar, quando sustenta que nada detrás dum livro é importante senão a alma da pessoa que o escreveu. Certamente, a significação dos livros completa-se muitas vezes com a vida do escritor, sobretudo, quando êsses livros são, como os de Camilo, essa mesma vida. E' bem legítimo o interêsse que o autor de um livro pode inspirar. A vida de um grande escritor é ainda o melhor comentário dos seus escritos, a explicação, e, por assim dizer, a história do seu talento. Procurando o homem no escritor, mais íntima ha-de ser a compreensão da obra. No entanto, a crítica tem o seu campo definido dentro dos limites da palavra escrita; a sua significação, o seu valor, a parte de beleza que nela existe é que dão matéria para juizo e classificação. Quantas vezes a obra de arte valeu mais que o artista que a criou.

Da sua amorosa mocidade romântica procede a sensibilidade primitiva do autor de A Sereia e de A Mulher Fatal. Alberto Pimentel, que tão comovidamente pôs em romance a vida de

Camilo, conta que o Lubis-Homem é o exacto episódio do seu amor com aquela doce rapariga de Friume, no tempo em que, moço arteiro e doidivanas, andava alegre rondando em bailaricos e encamisadas.

Agora se entende porque escrevia com tanta saudade a Vieira de Castro: «E' pena, meu amigo, que não tenhas bem pronunciada vocação para a fertilidade dos romances. Tu verias como é bom criar gente que nos fala, que nos colhe as lágrimas do coração, e as faz filtrar ao livro. Ai! que saudades me chamam ao tempo em que eu amava as figuras da minha fantasia e com elas visitava os locaes onde as tinha feito viver».

Porém, nem todas essas figuras amadas existiram apenas na imaginação do escritor. Mais do que inventava, Camilo observava.

Claro é que em Camilo a observação não tem afinidades com o que adiante chamariam observação os naturalistas de escola. A observação de Camilo é um dom natural. Antes de escrever uma novela, não irá classificar pacientemente as miúdas notas recolhidas em grossos cadernos, como depois fez Zola. A sua observação vinha da prática da vida, era a lição das coisas, o trato das gentes.

«Eu não tenho imaginação, tenho memória, memória do que vi, do que senti, do que experimentei. Se descarno as pinturas,se descrevo uma scena friamente, é porque assim os olhos, que a viram, a levaram à alma, que a imprimiu em si. Se me deixo ir nos arrôbos do coração, que se ala para o imperceptivel, desesperado de encorporar na palavra o que é só do fôro intimo da alma, é porque, em tal situação, na presença de tal facto, ouvindo tal história, vendo tal mulher ou homem, senti assim o que talvez outros olhos e outras almas vissem e .entendessem de outro modo.» Desta forma se confessava, com não oculta intenção de dar vida de verdade ao que às vezes fôra apenas fantasia, escrevendo as páginas de A Vingança. E Ricardo Jorge, que foi dos companheiros certos dos ultimos dias do romancista, confirmou no discurso que em louvor de Sousa Martins proferiu na Sociedade de Medicina, que em verdade Camilo «estuda os feitios e os vicios da sociedade portuguesa numa observancia perscrutadora».

«Eu penso, dizia êle no prefacio de Um Homem de Brios, que a realidade é de si tão fertil que não precisa de pedir de emprestimo à imagina-

ção». Já linhas acima tinha definido todo o seu processo literário: «Eu desejo escrever o romance de modo que o meu leitor — se Deus me deparar um com experiencia do mundo e a alma capaz de crear, pela reminiscencia de ilusões extintas, novas ilusões — possa dizer: a vida é isto». Depois, adiantando-se às observações que o seu empedernido idealismo acumulava, acrescentou: «Se posso espalhar alguma flor sôbre a chaga do vicio asqueroso, antes quero que os experimentados me taxem de imperfeito nos traços, e que os inocentes vejam as imperfeições sem conhecê-las. Creio que me entenderam; e se não entenderam, eu não sei explicar-me melhor. Desejo, outrosim, não crear visões de virtude exagerada, porque dou tanto pela imoralidade de Vautrin, como pela resignação da Angelica, como pela paixão suicida da Dama das Camelias. Na natureza não ha disto.»

No prefácio dos Doze Casamentos Felizes diz que o seu desejo era que «se fizessem romances como se pintam paisagens». E nas primeiras fôlhas de A Filha do Doutor Negro insiste: «Estou apto para trasladar o que vi e vejo sem pedir à imaginativa o que a natureza me não dá. Se

alguma vez, falsifico as tintas, ou derramo as mãos cheias de flores sôbre as ulceras, é isso um excesso de generosidade que uso com o mundo e comigo».

Conta José Augusto Vieira, no seu lindo MINHO PITORESCO, que o tipo do Feliciano, de A BRAZILEIRA DE PRAZINS, foi copiada por Camilo de um velho proprietário de Landin ; e o Jacques Smith' dos GRACEJOS QUE MATAM, tem muito de Ricardo Browne, — o casquilho moço que fez moda no Porto. Se uma tão comovida ternura envolve a Leonôr do ROMANCE DE UM HOMEM RICO, é porque o espírito de Ana Placido encarnára na figura do conto.

Camilo deixou nas MEMORIAS DO CARCERE a chave do enigma : «Estava a meu lado um coração que eu ia desenhando naquela Leonôr, da mão da qual eu me deixaria cahir no abismo...» E esta é talvez a razão porque tanto queria fosse este julgado o melhor dos seus livros.

Nos DOZE CASAMENTOS FELIZES não anda muito fóra de contar, com toda a verdade, as bodas de sua irmã. Aquele triste Macario Afonso, de o FILHO NATURAL, ficou em tudo tão parecido com o pobre boticário de Friume, a quem um dia le-

vou a filha, que nem sequer o nome foi alterado no livro. Não tivesse a minha curiosidade de me levar muito longe, e eu deixar-me-ia prender no bisbilhoteiro gosto de identificar as sentidas figuras destes romances tão vivos.

Numa carta a Candido de Figueiredo, do tempo em que Camilo preparava Os Brocas, se conhece como era grande o seu cuidado em ficar perto da realidade: «Tenho de ir para Santarem por causa do livro colher umas informações e vêr uma localidade d'ahi distante 6 kilometros.» E todo este diligente escrúpulo provinha de que em sua opinião, como dissera nas Scenas Contemporaneas, «a mentira no romance é uma nódoa».

Aqueles críticos de *folego curto e letras rabudas,* como lhes chamava Herculano, e que tanto abundaram sempre na linda terra de Portugal, acusaram Camilo de monotonia na criação das personagens e queixavam-se de que, constantemente, figurassem nas suas novelas o minhôto bacoulo, que volta rico do Brasil, o moço albião e chincharelho, os barões aparoucados e o morgado estradeiro e valentaço. Depois, diziam uma freira tonta e uma menina triste.

Não se lembraram eles de que ao escritor não

cabia a culpa de não ser mais variada a sociedade portuguesa dêsse tempo. De resto, estão tão bem individualisadas, tão acabadas estão essas figuras, com tanta realidade de feitio e com tanto realismo de sentimentos, que sempre nos deixam uma impressão certa da vida, ou dramática, ou cómica, tantas vezes trágica. Ora, o que faz a originalidade de uma obra é poder ver-se nela, como aqui, que os caracteres, as paixões, os afectos, os usos e os costumes, os lances e os sucessos da vida evocados, não foram aprendidos nos livros, mas estudados directa e imediatamente no seio da sociedade onde o escritor buscou aconchego.

O segrêdo da originalidade consiste em transformar o estranho, em assimila-lo com a nossa própria substância e em fundi-lo e combina-lo tão intimamente com o que é apenas nosso, que da combinação venha a saír um produto novo de todo, engalanado com as cores da nossa fantasia e trazendo viva e sangrando a marca singular de um estilo pessoal.

Foi no derradeiro serão da sua vida literária, que o temperamento priveligiado de Camilo alcançou mais íntima harmonia entre o espírito de

observação e o espírito de invenção, desta sorte ganhando a sua arte ainda mais côr e mais verdade. E' então que o escritor sente plenamente a terra. Chegára a hora das Novelas do Minho; e essas claras páginas de sinceridade, tão humanas, tão generosas e tão dolorosas, não podiam caber dentro da falsa decoração de um teatro. A Maria Moysés, o cego de Landim, o Comendador, em que o romancista pôs tanto da sua alma, queriam a luz abrasadora do sol e o ar sem fim dos campos. Só a terra, tal como ela é, podia enquadrar essas vividas figuras. Por isso, à volta delas se veem as árvores e os montes como alcança a janela de S. Miguel de Seide!

Tudo em Camilo é português de lei. Para lhe dar linguagem, juntaram-se um dia Bernardes e Vieira, e entregaram-lhe cada palavra tão moça e florida como se antes a tivessem coroado com as rosas de Anacreônte.

A melhor expressão da inteligência e da sensibilidade de um escritor está contida sempre na amorosa forma da sua linguagem. Conta-se que Alexandre Dumas explicava a rápida decadência do nome do pai pelas falhas do seu es-

filo, mirra que embalsama e conserva a obra literária.

A prosa de Camilo, nervosa e livre, ao mesmo tempo abundante e sóbria, ri à vontade cheia de ironia, enternece-se e chora cheia de comoção. Não só, como disse António Ferreira do nosso meigo idioma, floresce, fala e canta, mas mais ainda, — lamenta, fulmina e reza.

A língua é uma das mais fortes expressões da nacionalidade. Mistral morreu entoando esta canção de esperança:

«Car, de mourre bourdon qu'un poplo toumbe esclau,
Se ten sa lengo, ten la clau
Que di cadeno lou deliéuro».

Não pode comparar-se o estilo de Camilo ao usado pelos outros escritores românticos: a sua prosa tem força e tem graça; é natural, simples, fluente; tem uma maleabilidade nova e toda a opulência antiga da nossa fala.

No assíduo trato com os grandes escritores clássicos educou seu gosto, enriqueceu sua fantasia, acalmou os sentidos febris, corrigiu os ímpetos de uma emoção desordenada, deu a seu pensa-

mento asas mais fortes para mais seguro e sereno vôo. Daqui vem o admirado novelista espanhol, D. Ricardo Léon, se atreveu a chamar à imitação dos clássicos *silla, freno y espuela de la invención*. «Os livros antigos pagam liberalmente a quem os atura, dizia Camilo no prefácio do CAVAR EM RUINAS. Não ha velhice mais dadivosa e agradecida do que a d'eles. Sentam-se comnosco à sombra de árvores suas coevas, e contam-nos coisas que viram os plantadores das árvores...»

Todos os sentimentos que atravessam a alma portuguesa e a chamam à vida, Camilo interpretou e sentiu primeiro. E nem houve tradição nacional ou velho costume que pudesse esconder-se à sua curiosidade sempre vigilante.

Por serra e vale, de Trás-os-Montes desceu ao Minho, parou nas estalagens, levantou o pó de todas as estradas, foi à Côrte, esteve ao ralo dos conventos, visitou a casa dos burguêses e o solar dos fidalgos, e à volta as acácias da Praça Nova já não tinham sombra para o cobrir.

Vai começar o arraial. Cidades, vilas, aldeias, por onde passára, tudo vem agora, tilintando guisos, para que lhes dê forma. Levantam-se as lousas dos claustros, acordam velhos heróis nos car-

neiros de pedra. Capitães-mores, fidalgos, morgados, brasileiros, poetas, monjas perdidas no caminho do céu, veem dar-lhe a mão para formar a ronda. E toda a Raça, nostálgica e dorida, soluçando, levanta ao alto os corações, embalada pela melopeia luarenta de uma prosa elegíaca.

Il ne suffit pas d'avoir de grands écrivains pour avoir une littérature nationale, confessa Gaston Paris; *il faut que, dans ces écrivains se soit exprimée avec puissance l'âme même de la nation.* E Camilo, se é certo que muitas vezes corre os caminhos de Balzac e adivinha a curiosidade psicológica de Bourget, é sobretudo como intérprete do espírito nacional que ainda comove e interessa. Amoroso e saudoso, agora amante e ingénuo, logo ardendo em ódio ou em ciúme, sofrendo todos os sentimentos com uma intensidade e violência que é muitas vezes paixão — impulsivo, atrevido, fraco de vontade, — Camilo teve enfeixada no seu temperamento a alma de Portugal!

O QUE UOS PARECER

DIGNO DE REPRESON

OU DE COREGIMETO

SEIA POSTO A MYNHA

INORÃÇIA E SIMPREZA

E NÕ A OUTRO MALE-

ÇIOSO EGANO

Frey Johan Aluarez

LIBRARY
APR
5
197
UNIVERSITY OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 30 22 06 11 001 2